



Fabiano Ramos Torres¹

As Encruzilhadas do Saber Moribundo²

periphosphos pivotis

Essa pesquisa ou história, recomeço obstinado, iniciativa e destruição, inscreve-se na maneira de habitar, como a philosophia, edificação e crítica, não cessa de organizar e de desorganizar as maneiras de pensar. A Filosofia não está na cidade, ela é a cidade que pensa, e a cidade é a agitação do pensamento que busca seu habitat justamente quando o perdeu, quando perdeu a natureza.³

Começamos, então, a olhar para a crosta da cidade e imaginar os prédios, as casas, as construções, as estruturas interrompidas, tudo, como cracas enquistadas nos morros. E quando nos demos conta, já estávamos pensando – sem ter a mínima noção de quando, exatamente, havíamos começado a mexer com esse negócio de filosofia. Quando começamos nos demos conta de que só havia meio, nem começo e

¹ Professor na Universidade Federal do ABC (UFABC). E-mail: fabiano.torres@ufabc.edu.br.

² Este texto é uma reescrita, uma perlaboração do primeiro texto que apresentei ao professor Celso Favaretto, em 2005, quando ainda era aluno da graduação. Naquela ocasião, me preparava para ingressar na carreira de professor do Ensino Médio e o lugar que escolhi para trabalhar foi o bairro Cohab II, em Itaquera, na periferia de São Paulo. Nesta época um dos textos mais importantes na minha formação foi o texto “Periferias” de Jean François Lyotard, texto que possibilitou um verdadeiro encontro com o professor Celso e que nos acompanhou ao longo dos dez anos seguintes.

³ Lyotard, J.F. Periferia. In *Moralidades Pós-modernas*. Campinas: Papyrus, 1996.

nem fim, como se fosse uma catástrofe, *ruínas de uma escola em construção...* quando a gente se deu conta do pensar, a hecatombe já tinha acontecido, as ilusões já haviam naufragado...

No meio das quebradas, os caminhos se plurifurcam, as encruzilhadas são eternas. Sim, quebradas, o outro modo de se dizer periferia. Nós já sabíamos, muito antes de Lyotard: deve-se entrar nas cidades pelos subúrbios. Nós nascemos aqui, afinal; aqui estávamos encravados – e, sim, Lyotard, é possível sobreviver na periferia, coisa nada simples; infernal, aliás. E para isso o caso era de invenção ou morte.

Das muitas perguntas, algumas retornam com certa frequência: quem sou eu, por exemplo. Pós-64, pós-68, pós-Komeini, *pós-Punk*, pós-muro de Berlim, pós-URSS, pós-11 de Setembro. Ouço alguém me dizer: geração cara pintada. O que não deixa de ser tanto pior: os rostos deformados de tinta verde e amarela – *panis et circensis*. Pós-tudo, nunca soube quem eu sou, mestiço, pardo, preto, branco, índio, mulato. Escrevo para tentar encontrar alguma coisa e o que tenho encontrado são as perguntas de um frágil saber que a duras penas cambaleia e gagueja entre os muros da universidade. E depois volta para casa com a cabeça fervilhando em meio à solidão infringida pela cidade que vai se transformando diante de seus olhos. Numa ponta, a Universidade de São Paulo, Cidade Universitária, bairro do Butantã. Noutra, o amontoado de casas, Parada XV (sim, isto é nome de bairro) – a monotonia dos prédios acinzentados, enfileirados prédios populares da periferia leste de São Paulo. Zona Leste, Itaquera.

Que haja algum conhecimento não restam dúvidas. Mas é um saber errante cujas raízes se dispersam por todos os lados – que se vai construindo com o próprio caminhar, penetrando, fabulamburatoriando, a cada passo, uma alegria estranha, uma angústia familiar.

O compromisso do filósofo, portanto, não é nem com uma razão soberana e ordenadora, nem com a circunstancialidade do momento histórico... mas com a manutenção da errância, com a peregrinação pelas contradições.⁴

Pode ter certeza: não há contradição maior que percorrer as ruas de uma quebrada. A filosofia teria muito que aprender com a arte do rolê, arte cujas regras se dão à medida do caminhar – *caminhando...* Lygia Clark já era rolezeira e ninguém podia desconfiar... O saber moribundo que faz rolê nas ruas da periferia é um saber

⁴ LEOPOLDO E SILVA. F. "A função Social do Filósofo". In: Paulo Arantes, et al. *A Filosofia e seu ensino*. 2ª ed. Petrópolis. Vozes, 1996.

cujo traçado atravessa os lugares mais inóspitos, abjetos, estranhos, onde estão jogados resíduos e gangas, onde se arrisca desesperadamente uma posição segura mas onde tudo o que se alcança é tão somente a incerteza do flamejar de lençóis suspensos por varais de bambu; onde os perigos de se atravessar becos e vielas exigem do corpo e do pensamento um constante estado de invenção que nos arrasta para o artesanato da sobrevivência. É preciso fabricar com as peças que recolhemos por aí, nas bancas de jornal, nos sebos, nos suplementos literários dos jornais descartados nas lixeiras do condomínio, mas também nos ferros-velhos e nas feiras de rolos. O saber moribundo: símbolo ao mesmo tempo da tentativa e do fracasso – quase sempre fracasso: a gente até perdeu a conta de quantas vezes prestou vestibular, a gente vestiu nossa roupa de domingo e fomos até o centro da cidade, mau menino, moça perdida, prestar prova, botando na prova de redação nossos estribilhos sem pé nem cabeça.⁵ Até que um dia, de tanto murro em ponta de faca, meio sem saber como foi possível, de repente, se percebeu que a gente já estava acampada na praça do relógio, esperando a hora do bandejão...

Foi uma espécie de onda batendo nos muros da universidade. No final do século XX, essa onda tornou-se maré, e depois inundação. Ela comprometeria seriamente o destino da universidade, do saber legitimado e sua possibilidade de crescer conforme as regras que durante todo decorrer do século XX impôs, legitimou como o verdadeiro saber, apenas um ou dois dos jogos de linguagem. Nós então éramos filhos de argumentos mal construídos, enunciados retortos, períodos onde se misturavam rusticamente materiais e conteúdos e temas os mais imprevisos e que mal podiam se articular. Era a favela. Os ossos de Le Corbusier sacolejavam na tumba. Pobres diabos que hesitávamos num turbilhão de vidas sem disciplina: um moribundo, capenga, mas com ginga e sarrando parangoléticos. A nossa fealdade, o sujo e a marginália desse saber foi para muita gente a vergonha da universidade. Miserável, cambaleante, andarilho do asfalto, rolezeiro, ostentando suas cabeleiras esquisitas e brilhos falsificados, carregando de um para outro lado da cidade a apostila roubada na pasta da xerox, toda marcada de risco torto: o risco torto da freada repentina, solavancos e cotovelos no vagão. Todo mundo temia: eles não terão condição de dar retorno, o investimento será em vão. Tudo parecia um grande cerco, nos assustava, sufocava, esmagava: é verdade, mas nós trouxemos conosco, e não deixamos do lado de fora, toda uma estética de gingas e fintas. A alegoria tropical das quebradas, aos poucos, foi transformando o centro acadêmico num imenso barracão.

Aos poucos a tentativa de invenção, frágil e tosca, a esquisitice, a excentricidade de fazer filosofia vai ganhando cada vez mais contornos, ainda que

⁵ LYOTARD, J.F. *Periferia*. Essa passagem é uma montagem a partir do referido texto.

difusos como bordas de nuvens: o cúmulus e o nimbus do absurdo. Filosofar... de que modo se nos faltava justamente aquela *vasta e precisa cultura*? Que cultura!? Sabíamos nós lá quem foi Catão ou que fulano das quantas atravessou o Rubicão!? – se dependesse de nossa vasta cultura acumulada acerca das “*outras ciências, das matemáticas, da física ou de outras artes, da pintura, da música...*” findaria-se para nós a filosofia. Nós, pobres diabos, crianças maltrapilhas engomando pano puído... o que é que nós sabíamos afinal? – *Filosofia é para os bem nascidos, não é pra qualquer um* – e nós, os solitários e sem experiência... sem experiência? Se a fita é essa, então, pode pá que deve haver alguma esperança:

Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda. Entre os criadores sempre existiram homens implacáveis que operaram a partir de uma tabula rasa.⁶

Só se a ciência for uma ciência do acidente, nisso então somos mandrakes.⁷ Você olha e, de repente, surge um tabique, um tapume, uma tábua de passar roupa que alguém prega numa placa de deputado roubada. Alguém joga por cima um plástico, um pedaço de telha de amianto venenoso. Quando é no final da tarde já são mais de cem, duzentos, abrigos que vão como que se emendando um no outro, às vezes do tamanho de um deitar humano – você acha que o pensamento pensa o quê numa condição dessas? E mesmo a gente que olha de fora e convive no trato diário de nossas passagens com essas gentes enfiadas no improvisado de sua sobrevivência, a gente vai pensar como quem? Como se vivendo nas Grécias e Romas do pensamento? A filosofia é filha da cidade mas também do desabrigo e do quarto de despejo, goma⁸ feita do que sobrou, de uma emenda aqui, um gato ali, um mutirão de gentes que vai trocando, memorando, perfetando o pretérito existir de quem aqui chegou carregado de entulhos e trapos, cacos, isca, tiquinho de coisa e não pode fazer outra coisa que não seguir vivão, vivendo, como um sujeito relíquia.⁹

Paul Valéry dizia que os antigos artesãos tinham essa disposição para talhar pedras duras, e deixá-las perfeitamente polidas e claramente gravadas. Nós, aqui, neste rolê, entalhamos nossas marcas como em pedra de cantaria: Paul Valéry nem

⁶ Benjamin, W. “O Narrador”. In: *Magia e Técnica, Arte e Política* (obras escolhidas). Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 2ª ed. 1986.

⁷ Mandrake na gíria paulistana significa o sujeito estiloso.

⁸ Goma significa casa.

⁹ Relíquia significa antiguidade ou sabedoria.

tava ligado, nem sabia que quando dizia “pedra dura”, estava dizendo Itaquera. Itaquera: do Tupi, “pedra dura”. Tupi or not Tupi?

Paul Valéry insistia que o artista aprende aquilo de que é capaz, fazendo-o, e, no fazer, ele é suscetível de aumentar sua força de transformação. Operar por si mesmo seu possível. O fazer, esta espécie de ourivesaria que aos poucos vai desaparecendo como as antigas sapatarias do centro da cidade. Que fazer desta lembrança, cheiro de cola e couro, essa paciência de artífice que sucumbe diante das velocidades pós-modernas? A filosofia não deveria ser, também ela, aquela espécie de exercício que “imita a paciência da natureza na fabricação de “pérolas imaculadas, vinhos encorpados e maduros... e a paciência dos antigos mestres artesãos”?

Iluminuras, marfins profundamente entalhados; pedras duras, perfeitamente polidas e claramente gravadas, lacas e pinturas obtidas pela superposição de uma quantidade de camadas finas e translúcidas... – todas essas produções de uma indústria tenaz e virtuosística cessaram, e já passou o tempo em que o tempo não contava. O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado.¹⁰

Como é que se vai fazer constar a filosofia que é justamente o lado oposto das redes sociais, dos *twittes* e *tik-toks*, dos informes publicitários, do *spam* e do *pop-up* que circundam nossa vida? A filosofia poderia, então, ter algo a ver com aquele prolongado trampo que inclui no seu fazer, o fazer artesanal e manual dos artesãos: em algum lugar ainda é possível ouvir os *staccatos* do martelo, o tique-pique das tesouras e navalhas. Reescrever, reescrever, como o *martelinho de ouro* que conquista seu pão produzindo o avesso do torto... E nas novas tabacarias os meninos e meninas alisam demoradamente o papel alumínio, preparam o fumo e o carvão: o narguilé se consolidou como dispositivo de novas *hecceidades*, onde o tempo da brisa atravessa suave os corres, os zunidos e bololôs.¹¹ Eles contam histórias, eu escuto. Contar e reescrever traz de volta alguma coisa – ou faz resistir um saber: assim se “imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.”¹² A calçada do prédio Esmeralda acabou de ser alisada, enquanto os pedreiros puxam uma paia depois do almoço, o bonde do Treze inscreve, com palitos de sorvete, sua grife no cimento queimado.

Se alguma crise do saber assola as universidades, o saber moribundo tem seu

¹⁰ BENJAMIN, W., op. cit., p. 206.

¹¹ Bololô é o barulho produzido pelo escapamento das motos.

¹² BENJAMIN, W., op. cit., p. 205

quinhão nessa muvuca toda. O saber moribundo era pra continuar sendo o subterrâneo, o subsolo da universidade – eterno devedor, ele deveria seguir negando a si próprio para poder ser alguma coisa na vida e pagar com a própria vida a coisa devida. Mas ele se agarrou com unhas e dentes nas picadas, nas trilhas abertas a facão cego. Com seu passo descuidado e com sua presença também cega, acabou por tornar sua convalescença uma ferramenta perigosa, vista do alto, desde as torres de marfim, como desordem e incoerência. Mas o saber moribundo foi desde o começo, resistência, desafiando a monotonia da repetição de unidades habitacionais massificadoras, desafio que consistia na invenção de novos caminhos, novos sentidos, intervenções e instaurações.

E é essa vontade de se chegar em uma nova cidade, em uma nova linguagem, que pode ser transferida, dentro da geografia de uma mesma cidade, para suas áreas ainda não conhecidas, para zonas que possam trazer uma dimensão nova de uma metrópole.¹³

A materialidade do suporte habitacional (o mesmo valeria para a língua?) – o prédio e a casa torta, o puxadinho mal acabado e o barraco onde as pessoas de fato vivem (a língua que as pessoas de fato falam) não poderiam mais ser demolidas, este não seria o papel da filosofia, não, ela não deve ser uma cosmogonia, ela não é esse vitruviário de arquiteturas e higienismo. Nada de limpar o terreno, nem Descartes e tampouco o Barão Haussmann, Prestes Maia também não: antes, instaurar uma relação penetrável, ou construir um novo tipo de relação entre o sujeito e seu *habitat* – um gesto, uma atividade, exercício: alterar as relações e compreender seus *ninhos*, sua cidade, seus muquifos, modificar tudo o que até então se havia pensado e assim seguir esse delírio ambulatório de... encontrar a verdade? – ah! A busca da verdade!.... Se tomássemos a verdade como uma tentativa de esclarecer as coisas, a nós e o mundo, em meio ao giro e à ciranda das perspectivas... se pudéssemos tomar a verdade como este projeto de agrupar tudo isso *num grande labirinto*, então, talvez, os pontos de vistas se multiplicassem: aspirando ao grande labirinto, de cima das lajes, dos morros, poderíamos misturar a gíria e a *palavra cantada* ao idioleto e ao conceito. As lajes e os puxadinhos, as gambiarras e geringonças, os panos, trapos, bólides, farrapos, casulos, palíndromos, rebimbocas, bichos, meta-esquemas, máscaras abismais e babas antropofágicas.... tudo isso multiplicado como os seres

¹³ Teixeira, C.M. A fotografia e a periferia. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/01.005/976>.

humanos, os ácaros, os cães de rua e os espelhos – abomináveis para alguns, divertidos e interessantíssimos como os cronópios para outros – tudo isso multiplicado em compossíveis talvez para sempre sobredeterminados, tudo isso e o que mais nos escapa; que, talvez, nos permitisse pensar algo como um perspectivismo periférico como efeitos das relações de signos produzidos pela inconstante alma periférica. Poderíamos conceber um pensamento periférico como este trabalho de fazer a periferia gritar, produzir o jorro de antanho inaudito, escancarar suas milhares de mensagens outrora abafadas – ou sempre silenciadas.

Os sintomas estabelecem a relação entre o mais profundo (o oculto, frequentemente mascarado) e a superfície (o explícito), constituindo constelações de intensidades, de sentidos múltiplos. Os sintomas expressam relações dos signos com os instintos, afetos, paixões, desejos, compondo um campo em que a interpretação se propõe como ressonância entre as duas séries.¹⁴

A eliminação da referência a um centro e a um sujeito indica que não se pode identificar em um texto, obra de arte, proposição estética ou teoria psicopedagógica a produção de uma totalidade de sentido.¹⁵

O exercício de pensamento seria algo como uma vivissecção de objetos em sua materialidade a mais concreta, bruta como Itaquera, pedra dura, e encontraria nas coisas inscritas no mundo um pequeno hominho, uma minazinha, de fala pastosa, balbuciando, gaguejando em sua língua, uma de tantas verdades, lambuzados de humores graxos, tingidos de corante e cal. A verdade, enquanto apenas um momento, a singularidade momentânea de fragmento e força – este fragmento que dança como as famas e esperanças saltitando amarelinha no interior de um caleidoscópio. O que é que nós fazemos de parecido, qual era, então, a cumplicidade que nos tornou coadjuvantes do sopro que insiste em soprar, com o fôlego que nos resta, as asas do *angelus novus*? Caminhamos sobre os escombros, ajudamos o trapeiro a subir a Avenida Brigadeiro Luís Antônio.

Caminhávamos com os *Cahiers* de Paul Valéry debaixo do braço antes mesmo de conhecer a gramática e foi talvez essa insolência que permitiu ao pensamento se desenvolver nessa diversidade de planos sem a preocupação de se unificar. A imensa

¹⁴ FAVARETTO, C. “Nietzsche: uma estratégia da interpretação”. In: *Moderno, pós-moderno, contemporâneo: na educação e na arte*. 2004, p. 56. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

¹⁵ Idem. “Pedagogia, psicanálise e arte contemporânea”. p. 282.

periferia figurava como um imenso caderno de notas labirínticas – Malagueta, Perus e Bacanaço de rolê pelas *Passagens*. Como um poeta à deriva e na clivagem, nenhum lugar como próprio mas, isto sim, a maior quantidade de pontos de vista: a quebrada é nossa, isto é, a gente desfeita na heterogênese de um agenciamento fractal. Aqui a equivocidade, a parcialidade, o momento: a verdade suspensa no ar e o figural ricocheteando como a rabiola de uma pipa – perifepipas, moleque de pés descalços, o tampo do dedão do pé dependurado, *periphosofos pivete...* a gente mancando e caminhando de chinelão pelos corredores da universidade.

E se insistimos ainda em *esclarecer*, o fazemos desfraldando as trevas recônditas das luzes, porque são elas que dão a ver a luciferina que incendeia nossos lampejos, é por isso que arriscamos a travessia dos becos... Lançar um pouco de trevas na cara de nossas graciosas modelos e apontar com o dígito diabólico do cinismo os pontos de vista eternamente desprezados: verrugas, estrias, celulites, cravos, espinhas e aquelas pequenas rugas que dobram nosso rosto. A dobra... *hahá!* Deleuze e Guattari enlouqueceriam se conhecessem nossas quebradas... se bem que tenham citado nalgum lugar *os capitães de areia, os incompreendidos ...* Bem, eles tinham seus *banlieus* – e o Lyotard mesmo de onde foi tirar a ideia de que se deve entrar nas cidades pelos subúrbios? Como é que ele sabia que a frase preferida dos subúrbios é a queixa? Por outro lado, ao tocar serrote na aula de filosofia com os alunos do ensino médio, me parece que Deleuze roçava algo como uma borda filosófica... Consideremos então tudo isso como ratos de uma outra configuração cuja presença fora sempre ignorada, testemunhas de um outro ordenamento, ratos em suas tocas, no forro e na dispensa.

Inventar conceitos na travessia dos becos... Pois bem, desmontar, desconstruir a pronta imagem: “interrogar as regras da arte de pintar ou de contar, tal como as aprenderam e receberam de seus antecessores. Rapidamente elas lhes surgem como meios de enganar e seduzir e de tranquilizar, que lhes proibem de serem verdadeiros.”¹⁶

Mas quem atravessa o beco, não quer tranquilidade – grande cidade: quebradas. O rolê é muito perigoso. E é por isso que quem atravessa o beco ou faz rolê pela viela tem uma outra história para contar. E a história – como a legitimação de um único ponto de vista, como totalidade, a história dos vencedores – encontra, então, seu contrapêlo, sua obscuridade, nos signos e acontecimentos que figuram como o jorro de milhares de mensagens que a periferia escancara. O murmúrio berra.

A história daqueles prédios enfileirados, aquelas milhares de casas amontoadas. A história desta cidade só se oferece nas suas deformações, nas torções

¹⁶ Lyotard. J.L. O Pós-moderno explicado às crianças. Dom Quixote, Lisboa, 1986. Trad. Tereza Coelho.

de seu percurso, nos entretantos de seus falantes. A multiplicidade de textos que se repetem na diferença – não existe história original e perdida, apenas as idas e vindas de uma narrativa à outra – é tudo simulacro. Uma verdade se revela na interpretação, outras tantas nos signos que se inscrevem na casca do concreto, no emplastro de barro e asfalto, na mancha de óleo, na poça de sangue e no jornal ressequido a cobrir o cadáver. E depois, as verdades se seguem, outras mais, sobredeterminadas, como um grande palimpsesto, tenso, embaçado,¹⁷ que à medida que interpreta se põe-se a decifrar. Tramas de fio e alta tensão, arquitetura de garranchos e tipografia de reboques.

A Fotografia da Periferia é uma tentativa de se destruir ou, pelo menos, de se ignorar um suposto catálogo das imagens, um esforço para se causar um curto-circuito nos levantamentos fotográficos da cidade, e engatilhar um novo começo a partir daquilo que sempre existiu. Descobrir camadas inexploradas no rasíssimo tecido urbano das cidades das Américas. Inserir, dentro das plantas catalogadas, bolsões de irracionalidade como uma maneira de se revelar o absurdo da congestão das cidades.¹⁸

Mas, se liga aí: um dia, essa gente toda – o morro, as quebradas, becos e favelas – se diz e se canta que um dia esse povo todo, na maldade, vai descer sem que seja carnaval – e vai quebrar tudo, que vai dar ruim pro centro. É o que desde muito se promete – será? Vão torrar tudo, pique revolta, a revolta sem fim. Só fel, sem creme. Os muitos anos de escravidão, humilhação demais, Deus é mais, que me perdoe: mas você veja o que é o trabalhador, no domingo, domingão, indo trabalhar, de madrugada, mó perreio – você vê os olhos cansados, de sono, o corpo todo. Que vida é essa, a que se vive? Aí eu te pergunto: porque a gente vive assim? Você olha pro redor, só psicose na casa da gente, o inferno vizinho, esperando você. E o fundo do poço, você olhando pro fundo do poço e, de repente, você se liga: o fundo do poço fitando você. E nesse fundão você descobre um sapo gordo, que ficou no fundo escuro, abismo, – como se fosse um abismo da alma – um sapo, sapão gordo, os olhos esbugalhados olhando pra você, lá das profundezas. E como é que ele vem à? É porque alguém mexeu no que tava quieto... Logo, no pânico, você pensa, você lembra das histórias, do que se ouviu, que pele de sapo é venenosa, tem um leite venenoso, uma vesícula...

¹⁷ Embaçado significa que uma situação é difícil, perigosa.

¹⁸ Teixeira, C.M. A fotografia e a periferia. Disponível em <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/01.005/976>.

aí você de cara leva a mão na garganta, tipo sufocando, lembrando que bebeu da água, que a água da vida toda foi uma água envenenada: e o bicho lá, te olhando seu desespero. O que vemos, o que nos olha: o olho-gordo. Você paralisa, mas um nada depois, em cota¹⁹ pouca, você percebe que não morreu. Porque? Porque o veneno diluiu na água. E que a dose do veneno não é tanta pra se matar: não mata, fortalece. Por isso, quem diz *tô no veneno* no fundo carrega uma outra saúde. A quebrada é o veneno – por isso é que se tem que amar a quebrada, numas, aceitar o que tá aí: se você aceita a vida dura, noutro dia cê tá de volta, levantando a casa, aprendendo a buscar o ferro, o tutano do osso, a extrair da pedra o que é de precisão para sustentar a resistência. Você ouve de tudo, simpatia, reza, o dom e a graça, desgraça e praga: a ciência do povo, há milidiques²⁰ inventada, que se no fundo o povo não soubesse, no fundo, no fundo ... no fundo não: na pele mesmo – se não houvesse algum saber, a ferida da vida já tinha comido a gente viva, afinal, ela existia antes de a gente nascer, e se nascemos foi para encarná-la. E é nisso, nessas, que você desvira a cabeça, volta a mil, como se um axé tivesse te percorrendo: é nos olhos que o bagulho corre, o sangue. Mas também se diz que os olhos são a janela da alma, são sim: se você vê o sangue nos olhos, igual aos de um Exú capa-preta quando vem, você vê que no fundo, no debaixo da pele a quebrada é como se fosse uma fábrica de bufos espumantes...

Foi meio assim que a filosofia trombou a quebrada, e por isso não tinha como ficar só nas resenhas do tradicional, fosse só isso, haveríamos de concordar que estaríamos nos desfazendo de nossa quebrada, da caminhada e dos corres de todas as vidas ancestrais que puseram na mesa o pão e o pirão. Aqui o exercício da vida exigia esse agir, transformar o mundo e a vida. Não dava pra se contentar em santificar a tradição, fomos até ela, é verdade, extraímos de seus incontáveis corres o que nos servia. Tudo bem, nós também fizemos seguir adiante essa história, era preciso. Meio pá, como Paul Valéry, poeta que tinha tudo a inventar, partindo do informe, do não significativo para inventar caminhos, trilhos, quebradas, rumo a uma nova construção.

A invenção não é senão uma maneira de ver. Captam-se acidentes e incidentes, deles se fazem probabilidades, signos. Inventor é aquele que apreende cada coisa ou nada com o inquieto senso do possível, do utilizável.²¹

¹⁹ Cota significa tempo.

²⁰ Milidiques significa “há muito tempo”, coisa antiga.

²¹ REY, J.-M. “Valéry: os exercícios do espírito”. In: NOVAES, A. (Org.). *Artepensamento*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

A gente já estava acostumada a inventar. Quando começamos a mexer com esse negócio de filosofia, descobrimos que ela também inventava seus *bang*²², o conceito, no caso. Se a gente tinha a capacidade de produzir a partir das menores coisas, com a filosofia não seria diferente. Aquelas coisas pequenas e esquecidas; o torto, o coxo, as verrugas e estrias são desvios quase caóticos, que ofertam à filosofia o espetáculo da imprevisibilidade. Gesto instituinte de novos agenciamentos e formas, um novo pensar, outros conceitos, outras brisas... uma nova filosofia arrastada pelo tsunami das quebradas, ultrapassando premissas e conclusões... alguma coisa – talvez impresentificável – mas que ainda resta do naufrágio das ilusões...
É *nóis*. Tamo junto, professor!

Referências bibliográficas

- ADORNO, T.W. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- Benjamin, W. O Narrador. In *Magia e Técnica, Arte e Política* (obras escolhidas). Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense., 2ª ed. 1986
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1992.
- FAVARETTO, C.F. *Tropicália: alegoria, alegria*. 3ª ed. rev. São Paulo: Ateliê Ed., 2000.
- _____. *A invenção de Hélio Oiticica*. 2ª. ed. rev. São Paulo: Edusp, 2000.
- GRANGER, G.G. *Por um conhecimento filosófico*. Campinas: Papyrus, 1989.
- KOSSOVITCH, L. *Signos e poderes em Nietzsche*. São Paulo: Ática, 1979,
- Leopoldo e Silva. F. A função Social do Filósofo” In Paulo Arantes, et al. *A Filosofia e seu ensino*. 2ª ed. Petrópolis. Vozes, 1996
- LYOTARD, Jean-François. *Moralidades pós-modernas*. Campinas: Papyrus, 1996.

²² Bang é um termo que pode significar qualquer coisa.

MAUGÜÉ, J. "O ensino da filosofia: suas diretrizes". *Revista Brasileira de Filosofia*, v. V, fase. IV, nº 20, out/dez, 1955.

NIETZSCHE, F. *Obras incompletas*. Seleção de G. Lebrun. Trad. de Rubens R. Torres Filho. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

OITICICA, H. *Aspiro ao grande labirinto*. Seleção de textos por Luciano Figueiredo, Lygia Pape e Waly Salomão. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

Rey, Jean-Michel. Valéry: os exercícios do espírito. In: NOVAES, A. (Org.). *Artepensamento*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.